

A DOLONIA

INTERLÚDIO, SIM OU NÃO?

INTRODUÇÃO

O problema dos interlúdios nos poemas homéricos tem suscitado inúmeros estudos apresentando, alguns deles, teorias totalmente contraditórias. O Canto X da *Iliada* está na base de uma já antiga polémica sobre este assunto, pois que, já os gramáticos alexandrinos discutiam o problema, atribuindo a Pisístrato a inserção da Dolonia no poema. Ao longo dos anos esta opinião foi ora confirmada, ora rebatida. Mas quem são estes estudiosos e quais as razões para tão diversificadas teses?

Encontraremos homeristas de grande mérito defendendo a opinião, fundamentada com argumentos válidos, de que a Dolonia é um interlúdio. Sendo assim, este Canto teria sido composto numa fase posterior, não contemporânea do restante poema. Podemos citar, como defensores desta teoria, os nomes de C. M. Bowra, A. Shewan, Aimé Puech, A. Lesky, José Alsina. Mais adiante apresentaremos os argumentos que sustentam as suas afirmações.

Mas a polémica surge na medida em que uma outra corrente afirma precisamente o contrário. Ilustres homeristas, como John Adams Scott, Victor Terret, Paolo Vivante e J. T. Sheppard defendem que o episódio se enquadra logicamente no seguimento do poema, tendo sido composto na mesma altura e pelo mesmo autor dos restantes Cantos. Segundo estes, a Dolonia é indissociável da totalidade do poema. Apresentam os defensores desta teoria razões fundamentadas que mais à frente passaremos a expôr.

Quando decidimos fazer este pequeno estudo, estávamos à partida, perante estas divergentes teorias. Mas não tomámos partido de uma ou de outra enquanto não fizemos a nossa própria investigação.

Procedemos então a uma série de leituras cuidadosas do Canto X, assim como de todo o poema, leituras essas orientadas num sentido definido e que visavam uma tomada de posição da nossa parte sobre esta matéria.

Considerando apenas os elementos que pudemos recolher do poema e abstraído os estudos a que tivémos acesso, definimos finalmente a nossa própria posição. Poderá, naturalmente, ser contrariada e contestada pela aparente fragilidade dos argumentos que lhe servem de suporte, sobretudo se tomarmos em consideração a subtilidade do assunto em causa e as nossas limitadas possibilidades.

"Even Book X, most suspected of books, give a breathing space in the narrative when, after the refusal of Achilles, the Achaeans must brace themselves to a tremendous effort without him".

Cecil Bowra, *Homer*, pág. 116

O Canto X está situado entre duas partes distintas da *Iliada*: a primeira termina quando os Aqueus se dirigem às respectivas tendas para o tão desejado descanso, e a segunda inicia-se com o romper da Aurora na manhã seguinte.

É lícito, então, perguntar qual a razão deste episódio, e este é o motivo porque inúmeros homeristas no-lo apresentam como sendo um interlúdio.

No entanto, estudiosos como Aimé Puech ou Bowra, entre outros, apresentam-nos razões mais profundas para defender a sua tese, as quais nos propomos apresentar ao longo deste capítulo, como anteriormente havíamos referido.

A Dolonia difere da *Iliada* em muitos aspectos como, por exemplo, numa certa brutalidade do tom, tendo sido encarada como uma adição posterior.

Esta posição já foi posta em causa, tanto na antiguidade (havia quem estivesse convencido que fosse um trabalho anterior de Homero, ou, se não fosse seu, não tinha, necessariamente de ser posterior) como na actualidade, em que os estudos de C. Robert e de Reichel sobre as diferentes armas usadas no poema, vêm provar que a Dolonia foi composta antes do séc. VIII. De facto, segundo estes estudos, é precisamente no Canto X que aparecem armas caracterizadamente micênicas, como o capacete com dentes de javali (X, 261-5), e não nos restantes cantos.

Por outro lado, este canto episódico poderia ser suprimido sem afectar a acção principal. Um escólio diz que "cette rhapsodie avait eu son existence indépendante, qu'elle ne faisait point partie de l'*Iliade*, et qu'elle avait été insérée dans le poème par Pisistrate." (1)

A trágica noite que se segue à retirada aquela parece ser suficientemente preenchida pelas assembleias, seguidas do banquete de Agamémnon e pela embaixada a Aquiles com respectivo repasto, tradicional entre os gregos. Estes, porém, são meros aspectos gerais. No entanto, os estudos mais aprofundados não contradizem a tese.

Assim, parece existir no vestuário — os gorros e os mantos de peles de feras — uma confirmação da origem recente, que muitos atribuem à Dolonia, embora contrariando outra oponião já apresentada.

Também se verifica uma diferença no uso dos cavalos que, pela primeira vez em toda a *Iliada*, são montados quando o costume é encontrá-los atrelados aos carros de guerra.

Singular, também, é o caso de, chegados ao acampamento aqueu (374-5) Diomedes e Ulisses tomarem um banho de mar seguido de outro numa banheira, quando este último é o único que surge sempre nos poemas homéricos.

E porque é que Reso e os seus Trácios não são mencionados em ne

(1) Aimé Puech, "La Dolonie", in *L'Iliade d'Homère*, pág. 145.

nhuma outra parte do poema?

Eis as perguntas que se têm posto a tão vivos estudiosos, e que, certamente, merecem ser pensadas por nós.

É natural que existam algumas contradições entre elas, mas são argumentos que devem ser reflectidos, embora não obrigatoriamente seguidos.

II

"The unity of the composition is postulated as something excellent in itself, as an organic quality which is inherent in the artistic achievement".

Paolo Vivante, *The Homeric Imagination*, pág. 11.

Como já vimos, os críticos modernos têm posto em causa a autenticidade da Dolonia. Sustentando a sua argumentação, servem-se do testemunho de autores antigos e do exame crítico do texto.

No entanto, outros homeristas têm rebatido vivamente o que se diz sobre a origem recente do episódio e, em relação ao testemunho dos antigos, Victor Terret põe em causa a sua validade.

Assim, o escoliasta bizantino Eustatio diz que a Dolonia formava um Canto particular introduzido na *Iliada* por Pisístrato, conforme a opinião dos antigos. Mas V. Terret põe em causa a autenticidade desta opinião visto que Eustatio não refere quais os autores antigos a que faz alusão. Podendo, no entanto, supôr-se que faz referência a Aristarco e a Zenódoto, as dúvidas que se põem quanto à veracidade tornam-se ainda mais evidentes. É que Eustatio diz que estes dois críticos alexandrinos haviam feito, em conjunto com Pisístrato, uma revisão da *Iliada*. Ora isto é impossível visto que este morreu em 527 a.C., enquanto Aristarco viveu em 156 a.C., sabendo-se que Zenódoto viveu sob o reinado de Ptolomeu Filadelfo (285-246).

Além de invalidar esta argumentação relativa ao testemunho dos autores antigos, Terret refuta também a opinião de que o Canto X não

tem relação nenhuma com os outros Cantos.

Assim, põe em relevo algumas referências na Dolonia a situações já verificadas noutros cantos:

- a derrota dos aqueus motivada pela ausência de Aquiles
- a apresentação do acampamento troiano
- os fossos gregos guardados por sentinelas
- o Escamandro repleto de cadáveres.

Estas são pequenas referências que, confrontando com os Cantos imediatamente anteriores, dizem respeito a situações já conhecidas. Para além disso, a relação da Dolonia com os outros Cantos verifica-se também se se fizer uma análise do carácter dos personagens. Na realidade, as únicas e casuais modificações que se possam verificar são justificadas pela exigência da excepcional circunstância de um combate nocturno.

Segundo Terret, não há motivo para pôr em dúvida a unidade da *Ilíada* pois entre o Canto X e os restantes existe um encadeamento lógico das ideias e das situações; a Intriga tem uma continuidade; os caracteres mantêm-se fixos; a narração é consistente.

Terret faz notar que cada cena da Dolonia tem qualquer ligação com algum incidente, mesmo que insignificante, verificado noutros Cantos. Vejamos como:

- Canto X (v.45) - Agamémnon fala a Menelau da intervenção funesta de Zeus e das façanhas de Heitor no Canto VIII;
- Canto X - Agamémnon pede conselhos a Nestor, tal como acontece frequentemente noutros Cantos (II, VII, IX);
- Canto X (v.240) - Agamémnon demonstra uma evidente preocupação por Menelau, exactamente como no Canto VII (vv.170 e ss.);
- Canto X (v.57) - Trasímedes e Merion ocupam sempre o posto de guarda junto do muro. Já no Canto IX (v.81) este lugar lhes havia sido designado;
- Canto X (v.199) - os chefes aqueus reúnem-se fora do campo de batalha. Se confrontarmos com o Canto VIII, o local é o mesmo em que Heitor havia ordenado na véspera a retirada.
- Canto X - os deuses mantêm as suas preferências pessoais tal como nos outros Cantos.

— Canto X (v.428) - as tropas toianas são enumeradas pela mesma ordem que no Canto IX.

Estas correspondências e similaridades com o restante poema parecem a Terret suficientes para garantir a sua autenticidade no interior da *Iliada*, devendo ser considerada sua parte integrante e não um acrescento posterior inserido por um outro autor.

Mas aqueles que consideram a Dolonia como um interlúdio, insistem em contestar a legitimidade destas conclusões alegando que o Canto X poderia perfeitamente ser retirado sem prejudicar em nada a evolução e continuidade da intriga.

Mas também esta afirmação é refutada. Diz J. T. Sheppard que o episódio da Dolonia é indispensável para a continuidade do poema. Segundo este autor seria fatal que se começasse a batalha quando os gregos estavam completamente desencorajados. Era necessário que acontecesse qualquer coisa para que o exército estivesse pronto para o ataque. Ainda Sheppard, defende que a intensidade da acção no Canto X é propositadamente concebida para quebrar a monotonia dos Cantos anteriores e mesmo dos seguintes. Assim, a Dolonia será de facto um interlúdio que Homero terá concebido intencionalmente.

Sobre este assunto pronuncia-se também Paolo Vivante que considera a função da Dolonia essencial no momento em que surge. Por um lado porque a narrativa não pode prosseguir numa sequência meramente descritiva. Por outro lado, não se pode entender este episódio como uma mera exibição de bravura, mas como uma iniciativa essencial para inverter o estado de espírito tanto de gregos como de troianos.

Do mesmo modo se refere Terret ao regresso triunfal de Ulisses e Diomedes que trazem aos aqueus a confiança perdida no combate da véspera. A Dolonia terá, então como função essencial elevar a coragem enfraquecida dos gregos. Considera Terret ser este motivo suficiente para se integrar forçosamente este Canto no plano original da *Iliada*.

Há ainda um outro argumento que Terret rebate e que diz respeito à indumentária que Ulisses e Diomedes usam na expedição nocturna. De facto, segundo alguns críticos modernos, as vestimentas pouco vulgares para a época (peles de animais) chegariam para demonstrar a origem recente da Dolonia. Dizem estes que o uso habitual deste vestuário

rio sō é mencionado na epopeia numa data posterior à da *Iliada*. No entanto, Terret faz lembrar que no Canto III Páris já aparece usando uma pele de pantera. Quanto ao Canto X é tanto menos suspeito esse uso quanto pensarmos nas condições excepcionais de um combate nocturno.

Mas, eliminando o argumento da indumentária, surge um outro: o do combate nocturno. Também esta é uma situação nunca verificada em outros Cantos. Mas Terret simplifica essa questão fazendo notar que o poeta nunca nos tinha mostrado o campo de batalha e os acampamentos durante a noite. A Dolonia era uma ótima oportunidade para introduzir no seu poema uma quadro cheio de variedade. As cenas do Dolonia são facilmente desenhadas na imaginação, há um motivo constante, fora do usual. Terret não considera, no entanto, estas descrições exuberantes mas antes, compostas de traços notórios, fortes, mas em pouco número. No entanto, será um factor imprescindível no desenrolar da intriga.

Há ainda uma questão importante apresentada por Terret como prova irrefutável da autenticidade da Dolonia. Trata-se de uma evidente relação entre a importância desempenhada por Ulisses neste Canto e aquela que iria desempenhar na composição da *Odisseia*. Visto que Homero reservava o primeiro plano para Ulisses na *Odisseia*, usa a Dolonia como um meio de preparar o leitor para essa proeminência.

III

Para iniciarmos a explicitação da nossa opinião sobre a Dolonia, quisemos dar-vos, primeiro, uma definição de interlúdio. Para isso, escolhemos a que o Prof. Dr. Joaquim Lourenço de Carvalho nos dá na sua tese de doutoramento:

"Com vista a estabelecer conceitos, começo por despojar o interlúdio de conotações de anacronia, se bem que em certos episódios esta porventura possa existir implícita.

O interlúdio presta auxílio à descrição psicossomática dos personagens (v.g. a Ticoscopia, o diálogo entre Glauco e Diomedes) e pretende recrear aos auditores com matéria inesperada (será o caso da Dolonia e o do mendigo Iros), quebrando a monotonia que o relato prolon

gado dos sucessos (bélicos ou outros) produz".(1)

Baseando-nos neste conceito, releemos a *Iliada*, estudamo-la, analisamo-la e concluímos que o Canto X é um interlúdio.

Não quer isto dizer que estejamos totalmente de acordo com as teses apresentadas por Puech, Bowra ou Lesky. O nosso estudo foi exaustivo e considerámos as mais diversas posições, pois que poder-nos-ia ter escapado algum pormenor.

Assim, não negamos uma certa razão que possam ter os unitários sô que as suas argumentações não eliminam a nossa.

Numa primeira parte do trabalho, fizemos a experiência de ler a *Iliada* cortando-lhe os vários Cantos, e chegámos à conclusão de que sô o X é que pode ser suprimido sem produzir uma única alteração no desenrolar da acção. Isto fez-nos reflectir atentamente no problema: se é o único episódio indispensável à acção principal, talvez tenha características diferentes das dos outros.

Uma leitura atenta mostra que em nenhum outro Canto, anterior ou posterior, se faz a mínima referência a uma expedição nocturna, seja ela grega ou troiana.

É evidente que no Canto X encontramos confirmadas situações verificadas anteriormente, mas isso que prova? Se partirmos do princípio que a Dolonia foi composta numa fase posterior à da *Iliada*, é natural que o seu autor, narrando um suposto facto da guerra de Tróia, apresente características comuns ao poema homérico. Além do mais, este acontecimento histórico, envolto como está de mito e lenda, motiva seja quem for a pegar nele e escrever algo de semelhante ou que, pelo menos, com ele esteja relacionado.

A verdade é que, apesar de no Canto IX Nestor aconselhar Agamémnon a pôr sentinelas na entrada do acampamento, junto ao fosso, a razão para isso não é o receio de uma incursão troiana:

φυλακτῆρες δὲ ἕκαστου
λεξάσθων παρὰ τάφρον ὀρυκτὴν τεύχεος ἑκτός (1)

(1) Carvalho, Joaquim Lourenço de, *A Estrutura da Odisseia*, pág. 159.

(2) *Iliada*, vv. 66-67: "que cada tropa vá acampar junto do fosso escavado e fora da muralha".

E porquê a abrupta pergunta de Menelau, no Canto X quando depa-
ra com o irmão acordado?

Τύφθ' οἴτως, ἦθετε, κορθεσσαί; ἢ τιν' ἐταίρων
ὀτρύνεις Τρώεσσιν ἐπίσκοπον;(1)

Não bastaria a preocupação por não ter Aquiles do seu lado pa-
ra tirar o sono a Agamémnon? Porque não estaria ele a pensar no modo
mais eficaz de convencer o filho de Peleu a regressar ao combate?

Um problema que exige bastante reflexão e que não nos compete
resolver de momento.

No entanto, é singular que Agamémnon, Menelau e Nestor sofres-
sem de insónias naquela noite!

Um outro facto que nos chamou a atenção foi o de Ulisses dizer
a Diomedes, ainda no acampamento aqueu, que eram horas de partir, pois
a noite já ia alta:

Ἄλλ' ἔομεν' μάλα γὰρ νύξ ἄνεται, ἐγγύθει δ' ἥως,
ἄστρο δὲ δὴ προβέβηκε, παροίχων δὲ πλέων νύξ,
τῶν δύο μαράων, τριτάτη δ' ἔτι μοῦρα λέλειπται.(2)

Nesse caso, como é que eles ainda tiveram tempo de ir ao acam-
pamento troiano, apanhar Dólon, interrogá-lo, matá-lo, chegar ao acam-
pamento, matar os trácios, roubar os cavalos, regressar às naus, ceiar,
tomar dois banhos, fazer as libações e dormir até ao nascer da Aurora,
estando no dia seguinte suficientemente frescos para lutarem bravamen-
te? Ou teria sido a incursão nocturna uma revitalizadora eficaz?

E porque é que Dólon só nos surge no Canto X? E este diz-nos
que os trácios já referidos no Canto II (embora comandados por Acaman-
te e Píroo) tinham acabado de chegar. Como se pode justificar isto se
estamos no último ano da guerra?! Por aquilo que sabemos são os úni-
cos do Catálogo, que chegaram tão tarde. Mas no Canto II, ninguém nos
fala de Reso, que só nos aparece momentos antes de morrer! O caso me-
rece reflexão, afinal... Reso era o rei dos trácios!

(1) *Iliáda*, vv. 37-40: "Porque te armas assim querido amigo? Acaso
vais mandar alguns dos nossos companheiros espiar os troianos?"

(2) *Iliáda*, vv. 251-253: "Vamos, a noite está a chegar ao fim, e a Au-
rora está próxima; as estrelas chegam ao fim do seu curso; a noi-
te já passou mais de dois terços: só nos resta o terceiro".

Além do mais, como é que os troianos não deram pela chegada dos dois heróis se no Canto VIII eles tinham deixado sentinelas e mil fogueiras com cinquenta homens cada? E porque os vai Apolo acordar, se eles estavam reunidos no momento em que Dólon partiu? Contradições em relação a outros cantos e mesmo dentro do próprio canto que não conseguimos explicar!

É também notável o facto de ser este o único passo em todo o poema homérico, em que os cavalos são montados, quando o costume é conduzirem os carros de guerra.

Estas são as provas que nós apresentamos para defender a nossa posição, a qual é também partilhada por muitos homeristas.

Ana Paula Martins da Fonseca

Maria Leonor Santa Bárbara de Carvalho